

140 ANOS DE IMPRENSA EM
**140 ANOS DE IMPRENSA
EM**
MOÇAMBIQUE

FATIMA RIBEIRO
ANTÓNIO SOPA
Coordenadores



AMOLF

Associação Moçambicana de Língua Portuguesa



Fátima Ribeiro e António Sopa
[Coordenação]

140 ANOS
DE IMPRENSA
EM MOÇAMBIQUE:
ESTUDOS E RELATOS

AMOLP 

Associação Moçambicana da Língua Portuguesa
Maputo
1996

MOÇAMBIQUE, MARÇO DE 1995: O PORTUGUÊS DA IMPRENSA*

Fátima Ribeiro

Moçambique possui uma relativamente longa e rica história de imprensa, se considerarmos que a tipografia foi introduzida em 1854, ano em que veio a lume o primeiro número do *Boletim Oficial do Governo da Província de Moçambique*, a primeira publicação periódica da então colônia portuguesa. Daquela data até à independência do país foram publicados pelo menos 239 periódicos noticiosos ou de actualidades¹.

Com excepção de quatro, todos eles foram editados em português, tendo sido oito os que o foram em Português e Inglês, e – o que hoje se torna deveras curioso! – cinco dos de Lourenço Marques apresentavam também textos em ronga, uma das várias línguas bantas do território, que seria, na altura, a mais falada na região da capital. Dos referidos jornais que fugiam à regra, três eram editados só em inglês e um em francês e inglês, com parte do expediente em português (Rocha, 80: VI).

Numa primeira fase, escreveram para esses periódicos praticamente apenas indivíduos directamente provenientes da chamada metrópole, mas entre 1910 e 1936/37, data da entrada em acção da política repressiva do Estado Novo, jornais houve que

* Comunicação apresentada no *Simpósio Internacional da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 24-28 de Abril de 1995.

1. Até 1975, foram publicados em Moçambique 21 jornais diários (2 na Beira e 19 em Lourenço Marques), 4 tri-semanários, 12 bi-semanários, 107 semanários, 15 quinzenários e 20 jornais mensais, para além de diversos números únicos e publicações de periodicidade desconhecida. (Rocha, 80: VI).

contaram também com moçambicanos que tinham tido acesso à educação formal. A sua geração, na qual se destacam os irmãos João e José Albasini e Estácio Dias, viria a fornecer não só os primeiros jornalistas, mas também os primeiros homens de letras de origem banta (Mendonça, 87:75), pois é de notar que em 1890, em termos de educação formal, existia apenas uma escola primária em todo o território (Gonçalves, 94: 4).

Com a intensificação da vinda e fixação de colonos, que se verificou sobretudo a partir de 1945², cresce o número de naturais de Moçambique que escrevem para os jornais, mantendo-se, contudo, extremamente reduzido o de jornalistas negros ou mestiços até 1974, altura em que as publicações com maior divulgação eram os diários *Notícias*, *Notícias da Beira* e *A Tribuna*, assim como os semanários *Tempó*, *A Voz de Moçambique* e a *Voz Africana*.

Destes títulos, deixam de ser publicados, pouco tempo depois, *A Tribuna*, *A Voz de Moçambique* e a *Voz Africana*. O *Notícias*, cujo primeiro número remonta a 1926, e a *Tempo*, fundada já em 1970, mantêm uma publicação ininterrupta até aos dias de hoje, tendo o *Notícias da Beira* – que inicialmente também se intitulava *The Beira News and East Coast Chronicle* (1917) – dado lugar ao *Diário de Moçambique* em 1981. A estas três publicações, vieram sucessivamente juntar-se os semanários *Domingo* (também em 1981), *Desafio* (1987), *Savana* e *Demos* (1994), bem como o jornal juvenil *Aro* (com apenas dois números muito distanciados no tempo) e duas publicações diárias enviadas por «fax»: o *Media Fax* e o *Imparcial*.

2. Segundo dados fornecidos pelo *Anuário do Império Colonial Português de 1949*, Moçambique tinha, em 1945, um total de 60.115 «não indígenas», isto é, «europeus, amarelos, indo-britânicos, indo-portugueses, africanos e mistos». Não é especificada a população do território naquela altura, mas o censo realizado cinco anos antes revelara um total de 5.030.179 «indígenas». Em 1950, realiza-se um novo censo, constatando-se agora a existência de uma população de aproximadamente 5.828.625 habitantes, entre os quais 91.954 «não indígenas» (europeus, mestiços, 12.630 indianos e 1.613 chineses), e ainda 4.349 «assimilados».

Hoje, duas décadas após a proclamação da independência do país, uma nova geração escreve para os jornais, permanecendo, no entanto, em plena actividade, uns poucos dos então jovens dos anos setenta. Assim, o pessoal da imprensa, no seu conjunto, revela não só a complexidade resultante da multifacetada realidade cultural do país, mas também as profundas convulsões sociais que se verificaram quer com o processo que se seguiu à independência quer com a guerra que afectou praticamente todo o território nacional. E uma vez que é através da língua portuguesa – ela própria também directamente afectada por aquelas convulsões –, que todos se exprimem, os textos produzidos pelos jornalistas são uma boa amostra do português que hoje se escreve em Moçambique.

Por outro lado, o estudo do português veiculado pelos órgãos de informação reveste-se da maior importância, uma vez que actualmente, talvez mais do que a escola, eles desempenham um importante papel na apresentação de um modelo (ou melhor, modelos) para a língua que só num plano ideal se pode pretender que tenha como padrão o português europeu. Com efeito, dos cerca de um milhão e trezentos mil estudantes que nos últimos quinze anos frequentaram anualmente os quatro primeiros anos de escolaridade, menos de 10% tiveram acesso ao segundo grau do ensino primário (5ª classe) e só uma vez, em 1992, chegaram a 3.500 os que puderam frequentar o ensino pré-universitário (10ª e 11ª classes), segundo as estatísticas do Ministério da Educação (D. N. E., 94: 116). Conhecendo-se estes números e o baixo poder de compra das populações, que condiciona o acesso ao livro, já por si escasso no mercado, é-se forçado a concluir que os jornais são o principal veículo do português escrito *culto* em Moçambique. A prová-lo, basta dizer que a tiragem diária do *Notícias* (entre 25.000 e 40.000 exemplares), em média, ultrapassa o número total de alunos que frequentaram a 7ª, 8ª e 9ª classes do ensino secundário geral em 1993.

Segundo informações prestadas por directores, chefes de redacção ou editores, as habilitações académicas dos redactores

e revisores actualmente existentes variam entre a 4ª classe e a licenciatura. Veja-se o seguinte quadro:

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO	HABILITAÇÕES DOS REDACTORES	NÍVEL MÉDIO DOS REDACTORES
<i>Aro</i>	11ª cl – 12ª classe	11ª classe
<i>Demos</i>	6ª cl. – freq. universitária	9ª classe
<i>Desafio</i>	11ª cl. – freq. universitária	11ª classe
<i>Diário de Moçambique</i>	7ª cl. – freq. universitária	11ª classe
<i>Domingo</i>	9ª cl. – licenciatura (2)	11ª classe
<i>Imparcial</i>	11ª cl. – freq. universitária	11ª classe
<i>MediaFax</i>	11ª cl. – freq. universitária	11ª classe
<i>Notícias</i>	11ª cl. – licenciatura (2)	11ª classe
<i>Savana</i>	9ª cl. – freq. universitária	11ª classe
<i>Tempo</i>	4ª cl. – freq. universitária	10ª classe

Há, portanto, apenas quatro licenciados, situando-se a média das habilitações na 11ª classe ou equivalente, uma vez que se considera que atingiram este nível os que frequentaram com sucesso o curso da *Escola de Jornalismo*, cujo ingresso exige a nona classe. São, aliás, aquelas as habilitações requeridas hoje para se entrar na carreira jornalística.

Mesmo considerando apenas os jornalistas que têm a 11ª classe, esse grau de escolaridade pouco significa em termos de domínio do português culto, se tomarmos como referência o padrão europeu. Se há entre eles quem tenha no português a língua de seus pais e avós, outros há que o adquiriram em meios familiares ou extra-familiares em que é uma segunda língua, distanciando-se mais ou menos substancialmente daquele padrão e revelando estar em curso um acelerado processo de diferenciação linguística, de formação de uma variante moçambicana da língua, também esta naturalmente heterogénea³.

3. A propósito, é de referir que, por ser uma língua de prestígio, o português tem sido cada vez mais adoptado como língua de comunicação familiar pelas camadas sociais mais favorecidas dos meios urbanos, devendo ter aumentado consideravelmente de 1980 para cá (era apenas 1,2% da população) o número de falantes que o têm

À diferente oferta linguística com que estiveram ou estão em contacto, acrescenta-se também diferente qualidade de ensino proporcionada às duas gerações actualmente presentes na formação: por um lado, aqueles que fizeram grande parte, ou mesmo toda a sua escolaridade no sistema ainda português; por outro, os que começaram a frequentar a escola já nos anos oitenta, reflectindo os mais diversos problemas por que tem passado a educação formal. De ordem diversa, esses problemas vão desde o elevado número de alunos por professor (decrecendo de 81 para 54, em média, de 1980 a 1993) até à insuficiente formação dos docentes⁴. Tudo isso teve, naturalmente, consequências no nível de ensino, e particularmente no conhecimento e domínio do sistema linguístico português, facto de que hoje toda a gente tem consciência e que se traduz em afirmações como *Mas é a 4ª classe antiga!* ou *Temos muitos redactores com a 11ª classe, mas, já sabe como é, são de depois de 87!*

Além dos factores atrás mencionados, a influência de outras línguas é de ter também em conta pois, e é pelo menos o que acontece com o director de um semanário, moçambicanos há que fizeram os seus estudos médios e superiores em países de língua inglesa, francesa ou outra, tendo para lá partido ainda sem grande domínio da língua portuguesa. Pouco significativo no

como língua materna. Num debate sobre a situação da língua portuguesa em Moçambique, dizia o jornalista Albino Magaia: «*Estou mais preocupado com a decadência (o termo é esse) de algumas línguas nacionais, nomeadamente o ronga. De referir que o português é a língua materna dos meus filhos (...) e, conseqüentemente, eles não falam o ronga. Eu sou bilingue.*» (*Português em Cordel*, Dez. 1993 a Fev. 1994, p. 8.)

4. Por rapidamente ter duplicado a população escolar, foi necessário acelerar-se a formação de professores, passando a ser suficiente, para se adquirir o diploma de professor primário do primeiro grau, ter a 6ª classe acrescida de dois anos de formação profissional específica. E como o número de escolas não acompanhou o crescimento do de alunos, as existentes foram sobreutilizadas, chegando a criar-se três turnos diurnos no ensino primário, o que significou uma redução do horário escolar para pouco mais de três horas diárias.

contexto geral do país, o número de moçambicanos nessas condições é considerável na camada populacional mais culta. Expressando-se em português, eles poderão manifestar fenómenos de interferência linguística que ultrapassam o quadro de relações entre o português e as línguas bantas de Moçambique.

Como afirma Perpétua Gonçalves em *Dados para a história da língua portuguesa em Moçambique, tudo está ainda por fazer* no que diz respeito ao estudo de propriedades do português falado/escrito em fases anteriores da sua história (Gonçalves, 1994). No entanto, tratando-se especificamente do português da imprensa na fase final do período colonial, não parece incorrecto dizer-se que, a não ser no caso de uns poucos neologismos com origem nas línguas bantas ou no português, como *maningue* ('muito'), *marrabenta* ('nome de uma dança do sul do país'), *milando* ('confusão; problema') ou *quinhenta* ('cinquenta centavos'), não eram evidentes as diferenças em relação ao português europeu. Essas diferenças parecem surgir apenas ocasionalmente, na representação da fala ou na transcrição da escrita de outros falantes/escreventes do português.

Diferente é a situação de hoje, podendo-se encontrar, sem grande esforço de procura, inúmeras realizações linguísticas que reflectem variações em curso, inclusivamente ao nível da estrutura da língua. Para isso, basta que se observe a primeira ou a última página das diferentes publicações, páginas que, em princípio, são escritas apenas por jornalistas e são as que maior impacto têm sobre os leitores.

Para fazer esse estudo, optou-se por analisar apenas um exemplar de cada um dos jornais impressos, tendo sido também consideradas as duas publicações enviadas por «fax» (o *Media-Fax* e o *Imparcial*), pois é sabido que ambas, embora com um pequeno número de assinantes (435 e 300, respectivamente) são passadas de mão em mão ou reproduzidas por diferentes meios, acabando por atingir um número muito maior de leitores. Foi igualmente importante observá-las por serem dirigidas por falantes nativos da língua portuguesa. Incluiu-se também no corpus um editorial da revista *Tempo*. Todos os números observa-

dos são de datas compreendidas entre 15 e 29 de Março de 1995⁵.

No quadro que abaixo se apresenta, é indicado o número de *artigos*, títulos e anúncios analisados, considerando-se *artigos* todos os textos que vêm encimados por títulos no sentido restrito do termo:

	Artigos	Títulos	Anúncios
<i>Notícias</i>	18	18	5
<i>Diário</i>	2	7	7
<i>Domingo</i>	12	14	-
<i>Savana</i>	4	4	4
<i>Demos</i>	5	8	4
<i>Desafio</i>	5	9	7
<i>Aro</i>	6	14	5
<i>Mediafax</i>	1	1	7
<i>Imparcial</i>	2	2	4
<i>Tempo</i>	1	1	-
Total	56	78	43

Insuficiente para tirar conclusões sobre cada um dos órgãos de informação por si, este corpus, no seu conjunto, pode fornecer indicações para a caracterização do português escrito actualmente por uma camada que, no contexto geral do país, pode ser considerada culta.

A observação teve em vista um levantamento de *desvios*,

5. *Aro* nº 2, Maputo, Março de 1995
Demos nº 24, Maputo, 29/03/1995
Desafio, Maputo, 27/03/1995
Diário de Moçambique nº 26844, Beira, 24/03/1995
Domingo nº 668, Maputo, 26/03/1995
Imparcial nº 203, Maputo 15/03/1995
MediaFax nº 721, Maputo, 23/03/1995
Notícias nº 23130, Maputo, 25/03/1995
Savana nº 1049, Maputo, 24/03/1995
Tempo nº 1266, Maputo, 26/03/1995

assim se considerando todas as realizações linguísticas que não estão de acordo com a norma do português europeu (norma prescritiva) ou que, embora não rejeitadas por ela, não são normalmente seleccionadas por falantes portugueses nos seus registos escritos.

Uma tentativa de identificação das áreas de variação e de levantamento da frequência de desvios revelou que eles se verificam principalmente nos seguintes domínios:

- colocação dos pronomes pessoais objecto directo e objecto indirecto
- concordâncias
- discurso relatado
- operações de determinação/indeterminação
- regência verbal, ajectival e nominal
- selecção de modo ou tempo e morfologia verbal

Colocação dos pronomes pessoais objecto directo e indirecto

Neste domínio, a regularidade com que os desvios detectados se verificam aponta para a tendência de formação de novas regras, nomeadamente no que diz respeito a situações em que o pronome ocorre em frases subordinadas com forma verbal simples e em frases com perífrases verbais.

1. Em frase subordinada com apenas um verbo, há uma forte tendência para a ênclise:

- (1) ... quando o cidadão depara-se com qualquer problema recorre (...) aos órgãos da comunicação social... (*Notícias*, p. 1)
- (2) ... através dos quais estabeleceu-se o quadro jurídico que regulou o sufrágio universal... (*Diário*, p. 1)
- (3) ... e acrescenta que em Moçambique, confunde-se o mercado livre com a concorrência desleal. (*Demos*, ult.)

- (4) ... ao afirmar que o processo eleitoral no país (...) refez-se em condições específicas... (*Savana*, últ.)
- (5) Três das quatro «mangas» foram dominadas pelo piloto Victor Dias, que na última «manga» até deu-se ao luxo de dar uma volta de avanço. (*Desafio*, últ.)
- (6) O manto vai e vem até todos sentirem-se atingidos... (*MediaFax*, p.2).

2. Em frase não subordinada mas com elementos linguísticos que, de acordo com a norma, exigem a próclise, o corpus analisado também regista dois casos de ênclise.

- (1) ... mas (...) quase todos os presentes dirigem-se ao palco com envelopes. (*MediaFax*, p. 2)
- (2) O Conselho Cristão de Moçambique também diz-se intrigado com a actuação da IURD em Moçambique. (*MediaFax*, p. 2)

Observe-se também que as frases (5) e (6) transcritas anteriormente, além de serem subordinadas, contêm *até* e *todos*, que, por si sós, poderiam ter motivado a próclise.

3. Em frases com perfrases verbais, mesmo quando subordinadas, o pronome apresenta-se entre o auxiliar conjugado – seja qual for o tempo em que se encontre – e o verbo principal. Parece dar-se mais frequentemente a ênclise ao auxiliar:

- (1) ... documentos legais que formalizem as estruturas estatais que irão se ocupar de tarefas idênticas... (*Diário*, p. 1)
- (2) ... o povo é que mais irá se ressentir... (*Demos*, últ.)
- (3) ... acrescenta que pode-se saber que um camião cheio de mercadoria entrou no país sem pagar as taxas... (*Demos*, últ.)
- (4) ... numa prova em que devem-se destacar, ainda, as prestações de Tiago Fonseca... (*Desafio*, últ.)
- (5) ... e, pelo mesmo motivo, a deste ano está-lhe a seguir o exemplo. (*Savana*, p. 1)

(6) ... mas na segunda, o azar quis-lhe fazer companhia...
(*Desafio*, últ.)

4. Em frase não subordinada e sem elementos que obriguem a deslocação do pronome pessoal objecto, verificaram-se apenas dois casos de próclise.

(1) A nossa insatisfação se transforma numa esperança...
(*Demos*, últ.)

(2) Queremos, no entanto, que o *Domingo* tenha leitores em todo o país e, desta forma, se definiu este preço.
(*Domingo*, p. 1)

Concordâncias

1. A semelhança entre muitos desvios registados parece apontar também para o desenvolvimento acentuado de um novo mecanismo de concordância: quando o sujeito precede o verbo, a concordância faz-se com o núcleo do sintagma nominal mais próximo, mesmo quando este não é o núcleo do SN sujeito ou, inclusivamente, não faz parte dele.

(1) Tem *implicações sobre o cidadão* que o leva a não confiar na instituição policial... (*Notícias*, p. 1)

(2) ... mas as *primeiras reacções em Maputo* foi de muita consternação e dor. (*Demos*, últ.)

(3) Não obstante a *exiguidade de meios materiais e financeiros*, adicionados à falta de experiência, as eleições (...) foram livres e justas»... (*Diário*, p. 1)

(4) ... o *aumento dos «chapas»* devem-se aos onerosos custos com os acessórios... (*Demos*, p. 1)

(5) ... podemos afirmar que a *consequência das medidas da alfândega* são lógicas... (*Demos*, últ.)

(6) ... a *luta mais empolgante desta prova inaugural do campeonato* foi travado entre Nuno e Tiago... (*Desafio*, últ.)

(7) ... a *nossa democracia* é jovem e por isso imperfeito... (*Demos*, últ.)

(8) *Pedro Ben*, há doze anos radicados em Portugal... (*Aro*, pag. 1)

2. Em construções passivas impessoais com o sujeito em posição pós-verbal, este não desencadeia concordância nas seguintes frases:

(1) Ainda não foi anunciado a data das cerimónias fúnebres... (*Demos*, últ.)

(2) O arquivo do património cultural parece estar apostado em ver realizado várias actividades... (*Aro*, p. 1)

Discurso relatado

Numerosas são as citações em discurso directo introduzidas por verbos declarativos seguidos de conjunção integrante. Há, assim, um cruzamento entre os discurso indirecto e directo que não corresponde, no entanto, ao chamado discurso indirecto livre (cf. Cunha e Cintra, 88: 636), pois as frases não apresentam as transposições características do discurso indirecto que a norma exige.

(1) ... acrescentou que já antes da sua partida «recebi informações sobre a forma como Sérgio Vieira andava a manobrar a comissão Ad Hoc.» (*Imparcial*, p. 1)

(2) ... afirmou que «teremos que devolver esse dinheiro aos doadores...» (*Notícias*, p. 1) *

(3) ... acrescentando que «nós estamos fartos de conflitos, temos exemplos claros daquilo que nos trouxeram. Em função desses estudos vamos tomar as medidas que forem mais apropriadas». (*Notícias*, p. 1)

(4) ... adiantando que «temos de ter uma visão de toda esta cadeia...» (*Notícias*, p. 1)

(5) ... o «DM» escreve que «um desses Patel disse-nos que vai matar todos os jornalistas do D.M.» (*Notícias*, p. 1)

(6) ... gritando nas faces dos doentes que «o teu demónio que saia». (*MediaFax*, p. 2) *

(7) ... o chefe de estado tanzaniano declarou que «não posso dizer se há ou não.» (Savana, últ.)

Verificam-se casos semelhantes aos anteriores com outro tipo de construções a introduzir o discurso que se reproduz:

(1) ... de acordo com Mazula «tínhamos consciência de ser cidadãos...» (Savana, últ.)

(2) Comparou este caso com o da polémica reunião (...) «em que a Frelimo apareceu com mais de duzentos artigos (...) a querer que os aprovássemos (...)» (Imparcial, p. 1)

Nas frases acima, o discurso citado vem assinalado entre aspas, mas não são raras as vezes em que ele é integrado no texto com uma total fusão entre o sujeito que cita e o sujeito citado:

(1) ... Eduardo, director fabril da Sociedade Agrícola de Tabaco, afirma que podemos considerar que a consequência das medidas da alfândega são lógicas... (Demos, últ.)

(2) Chissano foi mais além ao afirmar que o processo eleitoral no país que antes se realizou num contexto mono-partidário refez-se em condições específicas de transição para o multi-partidarismo. (Savana, últ.)

Operações de determinação e indeterminação

Para que os nominais designem efectivamente, numa dada situação de comunicação, um determinado referente, é necessário que sobre eles actuem operações de determinação. Trata-se de processos de natureza semântico-pragmática que constroem o valor referencial de uma dada ocorrência de um nominal. Exprimem-se, de uma forma geral, através do especificador e do número do nominal (Mateus, 89: 60).

1. Em várias frases do corpus considerado revela-se uma diferente utilização dos artigos, tanto definidos como indefinidos, aplicados a substantivos que têm como referente entidades abstractas.

a) Utilização de artigos definidos ou indefinidos em contextos em que eles não ocorrem no português europeu:

- (1) Veio a paz e com ela a oportunidade da estabilidade. (*Demos*, p. 1)
- (2) ...por forma a se garantir a continuidade nos futuros processos eleitorais. (*Diário*, p. 1)
- (3) ... elas se definem como tendo surgido da necessidade de apoiar outras camadas, portanto, «têm uma motivação», disse. (*Notícias*, p. 1)
- (4) ... a nossa insatisfação se transforma numa esperança porque vivemos numa democracia. (*Demos*, p. 1)
- (5) «Existe em toda a região uma vontade de paz porque sabemos todos que sem a paz não há desenvolvimento», disse Leonardo Simão. (*Notícias*, p. 1)
- (6) ... adiantando que até porque há uma compreensão da própria FRETILIN de que o facto de termos relações diplomáticas com a Indonésia ... (*Notícias*, p. 1)

b) Não utilização do artigo definido com nomes referentes a entidades abstractas que são apresentadas como definidas e específicas, contexto em que ele é exigido pela norma do português europeu.

- (1) Apesar de optimismo que reina, os gestores das fábricas (...) têm-se mostrado muito cautelosos. (*Demos*, últ.)
- (2) ... desempenhou o seu trabalho com devoção e mestria de cidadãos engajados e comprometidos com a causa nacional. (*Savana*, últ.)

2. Com a palavra *todo* indicando a totalidade das partes, caso em que a norma determina o uso do artigo definido (Cunha e Sintra, 88: 233), ele encontra-se ausente:

- (1) ... o actual número de 23 fiscais para toda província [= toda a província de Maputo] é insignificante. (*Diário*, últ.)

3. No que diz respeito ao número do substantivo, frases há que revelam também desvios:

- (1) ... uma significativa população assalariada vive de salário de fome. (*Demos*, últ.)
- (2) ... com a JHB ainda na *veia* disse: «Sabes... Nós até mudámos de visual na Jhone meu...» (*Aro*, últ.)
- (3) Calçados (...) e artigos em pele. (anúncio, *Demos*, últ.)

No primeiro caso, não é usado nem o morfema de plural nem o artigo indefinido para exprimir indefinitude; no segundo, toma-se um ser individual específico para designar a totalidade dos elementos do conjunto; finalmente, no terceiro, verifica-se a pluralização de um colectivo que, por si só, exprime indefinitude.

Regência verbal e nominal

Todos os órgãos de informação, com excepção do *Imparcial*, apresentaram casos de alterações de regência, ocorrendo estas, por vezes, em situação de reprodução de discurso.

1. Transformação de verbos transitivos directos (*seguir, habitar, interromper, cumprimentar, esquecer, considerar*) em verbos que regem complementos preposicionados:

- (1) Já a Bíblia diz: «...e esses sinais seguirão aos que crerem e em meu nome expulsarão os demónios.» (*MediaFax*, p. 3)
- (2) ... nesta aldeia global em que habitamos... (*Demos*, ult.)
- (3) ... mas não podemos esquecer do desempenho de Paul del Ré... (*Desafio*, ult.)
- (4) ... ao considerar o actual governo de corrupto. (*Savana*, ult.)
- (5) ... disse por outro lado que «seremos obrigados a abandonar o país e a interromper com os trabalhos que aqui desenvolvemos.» (*Notícias*, p. 1)
- (6) ... Brazão Mazula cumprimentou-se com a deputada Salomé Moiane... (*Savana*, ult.)

Com parece ser uma preposição bastante produtiva, e construções em que ela ocorre são frequentemente as preferidas em casos como *iniciar/iniciar com, arrancar/ arrancar com*. É

digna de registo a utilização de uma construção reflexa a reger a preposição *com* para exprimir reciprocidade (6).

2. Transformação de verbos que regem complementos preposicionados (*valer a, acertar em, enfermar de, aperceber-se de*) em verbos transitivos directos:

- (1) O que valeu os *Desafio* [aos do *Desafio/ao Desafio*] foi a lista que mandou antecipadamente ao Clube de desportos da Costa do Sol. (*Desafio*, p. 1)
- (2) Ninguém acertou o nome do vice-ministro... (*Domingo*, p. 1)
- (3) ... uma organização que tenta resolver grande parte dos problemas que enferma a camada juvenil (*Aro*, últ.)
- (4) ...os senhores deputados ainda não se aperceberam que a faixa da Avenida 24 de Julho é fechada ao tráfego... (*Domingo*, ult.)

Note-se que a norma regista *valer* e *acertar* como verbos que podem também funcionar, com outra significação, como transitivos directos e que, na frase (3) se está perante um caso de não utilização de preposição a introduzir uma frase relativa que a exige.

3. Transformação de verbos transitivos reflexos (*colocar-se, calar-se*) em verbos intransitivos:

- (1) ... dado que os cerca de vinte partidos da oposição não conseguiram em conjunto colocar nos 120 lugares em disputa. (*Notícias*, últ.)
- (2) Armas ainda não calaram (*Diário*, p. 1)

4. Tendência para a neutralização da oposição semântica ou funcional entre diferentes construções desencadeadas pelo mesmo verbo:

- (1) «Não penso que estou a perder uma colega [no facto de estar a perder uma colega: *pensar em/ pensar que*], mas que estou a ganhar muitos amigos...» (*Demos*, ult.)
- (2) *Cá da casa* telefonou para a basquetista... [telefonar a/telefonar para] (*Aro*, últ.)

5. Alteração da preposição exigida por determinados adjectivos e substantivos (*afecto, vontade, transição, contribuição*):

- (1) A OIM, também, esteve afecta no transporte dos refugiados... (*Domingo*, p. 1)
- (2) ... ele é essencialmente resultado do trabalho e da vontade dos moçambicanos em pôr fim ao conflito. (*Diário*, p. 1)
- (3) ... no último dia do seminário subordinado ao tema «A Comunicação Social no Processo de Transição à Democracia em Moçambique»... (*Notícias*, p. 1)
- (4) ... três países tomaram já públicas as suas contribuições ao fundo de apoio a Moçambique... (*Domingo*, p. 1)

Seleção de modo ou tempo e morfologia verbal

1. Utilização do modo indicativo em frases em que a norma exige ou recomenda conjuntivo:

- (1) Talvez é por isso que Luchiana não falou ao Cá da Casa... (*Aro*, últ.)
- (2) ...O que está a acontecer em Moçambique é que há quem paga imposto e há quem não paga... (*Demos*, últ)
- (3) ... tudo indica que a selecção dos países de expressão portuguesa saiu vencedora. (*Notícias*, p. 1)

A selecção do modo indicativo registou-se em contextos em que ocorre *talvez* em posição pré-verbal (1), *há quem* (2) e frase superior informativa com valor dubitativo (3).

2. Utilização da construção *estar a + GERÚNDIO* concorrendo com *estar a + INFINITIVO*

- (1) Tudo está sendo feito para que a Rifa C. D. África em Moçambique avance... (*Notícias*, últ.)
- (2) O aludido inventário está sendo realizado pela instituição acima referida... (*Diário*, últ.)
- (3) ... o sujeito que está sendo maltratado desceu do autocarro... (*Domingo*, últ.)

É interessante notar que nos três casos registados se está em presença de construções passivas.

3. Flexão do infinitivo em perífrases verbais:

(1) ... os mesmos deverão ter conhecimento sobre legislação e dominarem a língua inglesa. (*Diário*, últ.)

O infinitivo pessoal é utilizado no segundo verbo de uma frase em que um mesmo auxiliar afecta dois verbos coordenados, encontrando-se eles separados por um complemento⁶.

4. Diferente flexão do imperativo ou diferente relação entre as formas de tratamento e as formas verbais no imperativo:

(1) «Tens fé absoluta em Deus?», pergunta o Bispo. (...) «Ponha a sua mão no lugar da dor», manda o Bispo. (*MédiaFax*, p.2)

(2) Olha, meu senhor... (*Demos*, p. 1)

Perpétua Gonçalves defende estar a verificar-se uma reanálise do paradigma do imperativo afirmativo, com a utilização uniforme dos morfemas de tempo e ou a (consoante se trate da 1ª ou das outras duas conjugações), o que lhe retira o seu carácter excepcional no sistema verbal português, uma vez que todas as pessoas verbais passam a possuir o mesmo morfema de tempo. (Gonçalves, 87: 32). Se a primeira frase pode confirmar esta hipótese, o mesmo não acontece com a segunda, pois é utilizado o morfema de tempo a com um verbo da 1ª conjugação. Não se estará antes a caminhar para a perda da oposição funcional entre a utilização das formas verbais correspondentes ao imperativo formal e informal, assim como entre os possessivos de segunda e de terceira pessoa nas mesmas circunstâncias?

5. Formação do futuro do conjuntivo a partir do infinitivo:

(1) As acções governativas ficam comprometidas se não serem sujeitas ao arbítrio público... (*Demos*, p. 1)

(2) Enquanto o governo não rever alguns aspectos (...), o povo é que mais irá-se ressentir... (*Demos*, últ.)

6. Pouco referido, este fenómeno foi abordado por Eberhard Gartner em *Remarques sur la syntaxe du Portugais en Angola et au Mozambique* (Gartner, p. 31)

6. Diferente selecção do particípio passado, quando o verbo tem dois participios:

- (1) A velocidade imprimida pelos restantes concorrentes não chegou a ser suficiente... (*Diário*, últ.)
- (2) O ritmo imprimido nas mangas (...) não permitiu... (*Diário*, últ.)
- (3) ... quando os respectivos parlamentos tiverem ratificado a convenção e os parceiros Shengen aceite o seu ingresso... (*Notícias*, últ.)

Vistas as situações em que os desvios são mais frequentes, passemos a considerar outras também dignas de registo.

1. Construções de quantificação e graduação que apresentem diferentes tipos de desvio em relação à norma:

a) Apagamento do artigo definido em sintagma nominal onde ocorre um adjetivo no superlativo relativo:

- (1) ... uma vez que em 400 anos de existência se notabilizou (...) por ter sido cidade mais vezes conquistada pelas armas... (*Notícias*, últ.)
- (2) ... que se referiu às anteriores amostras organizadas pela Aro entanto que associação cultural com maior acção na área da juventude. (*Aro*, p. 1)

b) Apagamento do advérbio de quantidade *mais/menos* em sintagma em que ocorre a expressão *cada vez*:

- (1) segundo os gestores moçambicanos, a concorrência era cada vez desleal... (*Demos*, últ.)

c) Utilização da preposição *a* com a expressão *cada dia*, acentuando o seu carácter distributivo e progressivo:

- (1) ... o governo está a fazer muito pouco para tentar travar o elevado custo de vida que tende a agravar-se a cada dia que passa. (*Demos*, últ.)

d) Utilização do substantivo *maioria* como quantificador de *parte*, desempenhando uma função que competiria ao adjectivo *grande* no grau superlativo.

- (1) ... apesar de servirem a maioria parte da população, os seus serviços (...) são a única alternativa. (*Demos*, p. 1)

No domínio das construções de quantificação e graduação parecem estar a desenhar-se várias modificações cujo estudo se afigura de particular interesse.

2. Apagamento de preposições em sintagmas locativos temporais e espaciais:

a) Utilização de sintagmas nominais do tipo *fim de semana* e *semana passada* sem recurso a qualquer preposição, à semelhança do que já é frequente no português europeu com os nomes dos dias da semana.

- (1) «Sou obrigada a fazer biscates fim de semana cozendo algumas roupas...» (*Demos*, últ.)

- (2) O administrador do distrito disse, semana passada ao Savana, que... (*Savana*, p. 1)

Com os dias da semana, é também grande esta tendência de não utilização da preposição. Veja-se, a propósito, a longa coluna *Assim vai o mundo*, do jornal *Notícias*, em que essa preferência se verifica nas seis vezes em que a localização temporal é feita nomeando-se os dias da semana. Eis apenas um exemplo:

- (1) Mikhail Gorbatchiov quebrou um longo período de apatia, ao aparecer quinta-feira no canal moscovita da T.V.... (*Notícias*, últ.)

b) Idêntica utilização de sintagmas nominais como locativos espaciais, sem recurso a qualquer preposição.

- (1) Morte de Beirão golpe a música moçambicana. (título, *Demos*, últ.)

- (2) A morte de Beirão representa um grande vazio a música moçambicana. (*Demos*, últ.)

Produzidas por um mesmo falante, estas frases podem ser o indício de uma variação ainda em estado inicial.

3. Apagamento da preposição *a* em perífrases verbais e na locução prepositiva de base nominal *de modo a*:

(1) Ambrósio disse à R.M., na Beira, que o seu jornal estava recebê-las telefonicamente... (*Notícias*, p. 1)

(2) Está perceber bem? (*Domingo*, últ., crónica de Mia Couto)

(3) ... medidas tendentes a reformar o sistema aduaneiro no país de modo arrecadar melhores receitas... (*Demos*, ult.)

4. Utilização da expressão *entanto que* para significar 'como', 'na qualidade de':

(1) ... ficou, pois clara a aposta do Aro em vencer e triunfar entanto que instrumento informativo e noticioso... (*Aro*, p. 1)

(2) ... que se referiu às anteriores amostras organizadas pela *aro* entanto que associação cultural com maior acção na área da juventude. (*Aro*, p. 1)

5. Alterações na carga semântica e na função de advérbios de modo:

a) Utilização do advérbio *conjuntamente* com valor exclusivo de simultaneidade temporal:

(1) ... a primeira exposição ocorreu em 1993, na escola secundária Francisco Manyanga (em Maputo) e a segunda em 1994 conjuntamente naquela escola e na escola Samora Machel, em Chimoio, Manica (*Aro*, p. 1)

b) Emprego do advérbio *somente* com o sentido e a função de *só que*:

(1) É bom que a corporação tenha feito destacar agentes para o estádio da Machava. Somente, os homens da lei e da ordem levaram muito a sério o seu sentido de dever, a ponto de bloquearem o seu acesso a jornalistas. (*Desafio*, p. 1)

6. Utilização de indefinido afirmativo em frase negativa, não se realizando a típica dupla negação do português:

(1) O D.M. na sua edição de ontem, escreve que não anunciou coisas falsas, nem difamou alguém na pessoa do senhor Manuel António... (*Notícias*, p. 1.)

7. Quebra da estrutura de uma frase em que se regista uma construção de tópico:

(1) É que os investimentos do estado, a não ser na saúde e educação, os resultados chegam invisivelmente... (*Tempo*, p. 2)

8. Selecção do demonstrativo *esse* (*essa*, *-es*, *-as*) em contexto em que a norma exige *este* (*esta*, *-es*, *-as*), uma vez que o referente sucede o pronome no enunciado:

(1) ... a basquetista respondeu-nos azedamente com essa: «Entrevista?! (...)» (*Aro*, últ.)

9. Uso do artigo a preceder antropónimos em registo formal:

(1) ... a Isabel teria citado o Gafar... (*Notícias*, p. 1) [Em segmento discursivo anterior, são usadas as formas de tratamento *Dona* e *Senhor* atribuídas respectivamente a Isabel e Gafar.]

10. Utilização de estratégias alternativas a frases relativas com *cujo*:

(1) Os cidadãos lesados por esses ladrões clamam por medidas mais severas que quase ninguém garante aplicação. (*Tempo*, p. 2)

11. Em palavra justaposta formada por substantivo e adjectivo, utilização do morfema do plural apenas no adjectivo:

(1) Para entrega imediata: ar-condicionados (anúncio, *Aro*, p. 1)

Como se pode constatar, são diversos os desvios que se verificam no domínio morfo-sintáctico, variando o grau de aproximação entre os textos e o português europeu: se alguns há em que não ocorre nenhuma frase desviante (veja a longa coluna *Assim vai o mundo*, do jornal *Notícias*), outros reflectem um fraco domí-

nio das estruturas da língua portuguesa, o que se manifesta numa incorrecta aplicação dos mecanismos de coordenação e subordinação e na dificuldade de encontrar meios alternativos para fazer reiteraões evitando a repetição de palavras ou estruturas. São exemplos os vários textos do jornal *Demos*, de onde provêm os seguintes extractos:

- (1) Apesar de servirem a maioria parte da população, os seus serviços apesar de precários em termos de segurança são a única alternativa para as deslocações interurbanas ao nível do grande Maputo. (*Demos*, p. 1)
- (2) Apesar de optimismo que reina, os gestores das fábricas de tabaco e bebidas no país têm se mostrado muito cautelosos, isso a julgar pelas palavras do Eng. Eduardo, director fabril da Sociedade Agrícola do Tabaco, afirma que podemos considerar que a consequência das medidas na Alfândegas são lógicas, mas a verdade é que tudo depende do governo, pois só o governo tem meios para dispensar as importações, diz Eduardo e acrescenta que em Moçambique, confunde-se o mercado livre com a concorrência desleal. (*Demos*, últ.)

Uma outra frase, desta vez do jornal *Aro*, que revela um fraco domínio da grande riqueza de estruturas de coordenação e subordinação que a língua possui:

- (1) *Cá da casa*, num destes dias, telefonou para a basquetista marcando uma entrevista, mas que infelizmente a basquetista respondeu-nos azedamente e com essa: «Entrevista»?! (*Aro*, últ.)

A observação de algumas evidências nos domínios lexical, semântico e pragmático torna importante o registo dos seguintes aspectos:

1. Ocorrência de apenas um termo que, sendo proveniente de uma língua banta, é adoptado sem qualquer transformação, nem mesmo de ordem gráfica, sendo no entranto protegido por aspas, como qualquer outro estrangeirismo: *mukero*, 'contrabando de fronteira':

(1) Há novas táticas do «mukero», na Namaacha, o que faz com que o fisco continue a ser fintado. (*Notícias*, p. 1)

2. Ocorrência de apenas um neologismo com origem numa língua banta, já integrado no sistema linguístico português: *dumba-nengue*, 'mercado ilegal de rua'.

(1) Os dumba-nengues no centro da cidade são comprovadamente um centro de malandragem. Como é que ainda não se conseguiram remover estes mercados para as áreas já demarcadas? (*Domingo*, últ.)

3. Ocorrência de duas palavras derivadas de termos provenientes do changane (uma das línguas mais faladas na capital do país), aos quais se aplicou o sufixo verbal português *-ar*: *palhar* e *guazar*.

(1) Mesmo sem hipopótamo «Guazou-se». (*Aro*, últ.)

(2) Era preciso «Palhar». Para isso existem regras que se devem cumprir e uma das primeiras o hipopótamo tinha que aparecer... (*Aro*, últ.)

«Guazar» provém de «guaza» que, segundo informações recolhidas, significa ferir ou matar com uma lança. Por seu lado, «palhar» parece significar cortar aos pedaços. Note-se que estes dois termos, que se encontram no mesmo artigo e ambos demarcados por aspas, não são usados na linguagem corrente, parecendo criações pontuais do autor.

4. Ocorrência de neologismos com origem no português, devendo distinguir-se os que ocorrem ou ocorreram na linguagem corrente – *chapa* e *baixar* – e os que se restringem a usos próximos do literário:

(1) Transportadores cobiçam chapa 1000 (título, *Demos*, p. 1)

(2) ... o aumento dos chapas deveu-se aos... (*Demos*, 1.)

(3) Mandava-se baixar tudo o que dá felicidade e tranquilidade, incluindo o álcool. (*Tempo*, p. 2)

(4) Imaginadâncias (título da coluna de Mia Couto, *Domingo*, últ.)

(5) Parece-me que o senhor está a invertir os papéis. (texto de Mia Couto, *Domingo*, últ.)

- (6) Eu venho para esta entrevista completamente despapelado. (texto de Mia Couto, *Domingo*, últ.)
- (7) O escritor Suleiman Cassamo(...) brincrando [brincriando?], como diz Mia Couto disse ao *Cá da Casa*: «Sabes... em França?... Há de tudo... até hipopótamos.» (*Aro*, últ.)
- (8) Como que a confirmar os descaminhos aduaneiros que flagelam este país. (*Demos*, p. 1)

Chapa, substantivo masculino, significa meio de transporte privado que é usado para transporte colectivo remunerado. Conheceu já as combinações «chapa 100», «chapa 200», «chapa 500» e «chapa 1000», a mais recente, consoante o preço do bilhete, que é idêntico para qualquer destino em cada carreira.

Baixar é um termo que está associado ao discurso e às atitudes políticas dos primeiros anos após a independência. Significa «dizer *Abaixo!*», por oposição a «dizer *Viva!*».

Três das restantes palavras assinaladas ocorrem numa coluna assinada por Mia Couto, escritor moçambicano cujas obras revelam uma grande capacidade criativa de termos lexicais utilizando os processos derivacionais e de composição próprios da língua portuguesa. Significativa é também a reserva feita no artigo do *Aro* ao explicitar «como diz Mia Couto», depois do termo «brincrando», apesar de ele estar registado entre aspas.

5. Ocorrência de um neologismo proveniente do inglês: *Jhone*, simplificação de Johannesburg, muito usado na gíria dos mineiros que trabalham ou trabalharam na África do Sul e já registado na literatura, designadamente em poemas de José Craveirinha e Noémia de Sousa. Aquela cidade sul-africana é também designada pela abreviatura *JHB*:

- (1) ... com a JHB ainda na veia disse: «Sabes... nós até mudamos de visual na Jhone meu... (*Aro*, últ.)

6. Alterações semânticas das seguintes palavras e expressões:

- a) *transparecer*, com o sentido de 'deixar transparecer', 'fazer transparecer':

(1) Adiar as eleições ou tentar esquecê-las já pode transparecer uma violação dos direitos humanos. (*Diário*, p. 1)

(2) ... quando assume o seu papel de transparecer os contratos sociais (*Demos*, p. 1)

b) *dar cobro a* com o sentido de *pôr cobro a*:

(1) Com vista a dar cobro à exploração ilegal de recursos naturais (...) a mesma entidade preconiza elevar o número e nível de formação de fiscais (*Diário*, últ.)

c) *elaborar* para significar 'sem outros comentários', 'sem tecer considerações':

(1) «Isso implica fazer mais amigos para o país sem descurar aqueles que já eram amigos antes», disse, sem elaborar. (*Notícias*, últ.)

7. Uso das fórmulas de tratamento designativas de parentesco, aplicando-as a pessoas com as quais não existem laços sanguíneos, mas de respeito e afecto:

(1) «Mana» Elvira Viegas berrou com *Cá da Casa* porque diz que nós não falamos bem dos artistas. (*Aro*, últ.)

(2) ... Lina Magaia que completou no mês de Fevereiro findo, 50 anos. Parabéns, «Titia» Lina. (*Aro*, últ.)

(3) ... O Secretário-Geral da Associação dos tocadores «Tio» Hortêncio é testemunha. (*Aro*, últ.)

É significativo que estas fórmulas de tratamento tenham surgido no jornal *Aro*, escrito por jovens e a eles destinado. Típicas do discurso oral, são usadas de acordo com as idades do locutor e do locutário, traduzindo a relação familiar que seria possível entre os dois.

CONCLUSÕES:

Nos textos observados, verificaram-se apenas alguns casos pontuais de influência das línguas bantas no domínio lexical,

sendo eles frequentemente, assinalados como presença *estranha* à língua portuguesa por meio de aspas (ex: *dumba-nengue*, «*mukero*»). Em maior número foram as criações lexicais e semânticas dentro do próprio sistema português (ex: *despapelado*, *chapa 1000*). Em ambos os casos, trata-se de palavras que designam novas realidades ou que são criadas ou adoptadas como meio para obtenção de efeitos estilísticos.

No que diz respeito à morfologia e à sintaxe, por outro lado, a análise feita permitiu constatar que, mesmo num domínio específico de comunicação – neste caso o da imprensa –, a língua portuguesa não só está a conhecer um acelerado processo de transformação mas também se caracteriza por uma forte heterogeneidade em termos de distância relativamente ao padrão europeu, consoante o tipo de falantes. São numerosos e diversificados os desvios que se verificam, apresentando-se alguns com uma frequência que pode apontar para a sua fixação. Englobam-se aqui os casos de uma diferente marcação do discurso relatado, de alterações na colocação dos pronomes pessoais objecto, de mudanças nos mecanismos de concordância, nas operações de determinação/indeterminação e de quantificação/graduação e em muitas regências. No entanto, mesmo esses fenómenos mais frequentes ainda não são estáveis, o que se revela pela coexistência, em textos do mesmo autor, de formas desviantes e formas que seguem a norma gramatical. Refira-se, contudo, que quer a diferente representação do discurso relatado quer as alterações que se verificam na colocação do pronome pessoal já escapam ao controle de falantes que têm o português como língua materna, o que pode ser verificado nas publicações cujos directores/revisores são de origem portuguesa e têm no português a sua língua materna.

Em geral, a uma menor escolaridade média corresponde um menor domínio das estruturas sintácticas e do vocabulário da língua, mas, mesmo nos jomais em que o nível mínimo de habilitações é a 11^a classe, os desvios gramaticais são consideráveis, resultando por vezes em textos com profundos problemas de coesão e coerência. Assim, o português da imprensa revela a necessidade de se fazerem esforços tendo em vista melhorar o

ensino da língua e proteger como tal o sistema linguístico, actualmente sujeito a um acentuado processo de erosão.

A maior concorrência que se começou a verificar nos domínios da educação e da imprensa depois da abertura à privatização, exigindo mais qualidade no que é oferecido, poderá vir a constituir um factor de equilíbrio neste processo. Outros importantes contributos podem e devem ser dados por Portugal – como, por exemplo, acontecerá com a transmissão em Moçambique das emissões da *RTP Internacional* e da *Rádio Difusão Portuguesa* – e pelo Brasil, nomeadamente no âmbito da *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* (CPLP) ou de relações bilaterais. Aos órgãos de decisão em Moçambique caberá tomar consciência da necessidade de controlar de alguma forma a evolução da língua, de reunir esforços para a fazer chegar a todo o território e de criar condições para que a sua distribuição se possa processar de forma mais equilibrada entre os cidadãos.

BIBLIOGRAFIA

- Anuário do Império Colonial Português de 1949*, Imprensa Nacional de Publicidade, 15ª ed..
- Cunha, Celso e Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 5ª ed., Lisboa, Edições Sá da Costa, 1984.
- Gartner, Eberhard, «Remarques sur la syntaxe du portugais en Angola et au Mozambique», in *La langue portugaise en Afrique XXI – VI*, Université de Haute Bretagne, s.d..
- Gonçalves, Perpétua, «Português em Moçambique – Contribuição para o estudo do imperativo», in *Limani – Linguística e Literatura*, Maputo, Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane – 3, Novembro de 1987.
- Gonçalves, Perpétua, *Dados para a história da língua portuguesa em Moçambique*, 1994, mimeografado.
- Magaia, Albino, «Sobre a língua portuguesa em Moçambique», in *Português em Cordel*, Boletim da Associação Moçambicana da Língua Portuguesa, Dez. 1993 a Fev. 1994.
- Mateus, Maria Helena Mira et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, 1989.

- Mendonça, Fátima, «O português como língua literária em Moçambique», in *Limani – Linguística e Literatura*, Maputo, Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane – 2, Novembro de 1987.
- Moreira, Adriano, «As élites das províncias portuguesas de indigenato», *Ensaíos*, nº 34, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1960.
- Rocha, *Catálogo dos periódicos e principais seriados editados em Moçambique da introdução da tipografia à independência*, Maputo, CEDIMO, 1980.